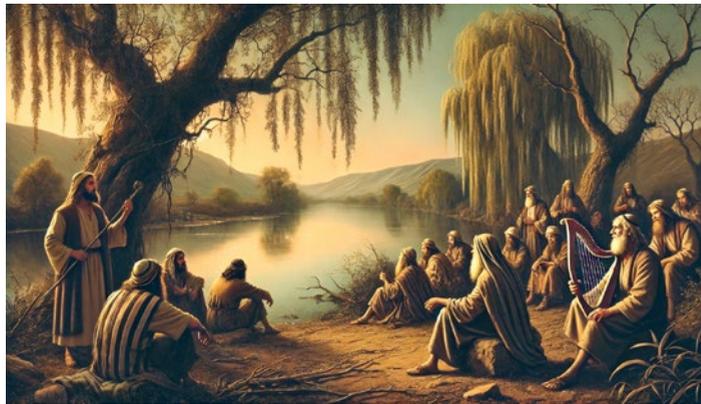


PIMENTA NA LÍNGUA

“SÔBOLOS RIOS QUE VÃO POR BABYLONIA ME ACHEI ONDE SENTADO CHOREI AS LEMBRANÇAS DE SIÃO...” CAMÕES



Criada por IA.



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.



Frei Herculano Alves*.

Um destes dias, enquanto uma troncular “fazia efeito”, resolvemos falar novamente com o Frei Herculano. Temos um pelo outro uma grande afeição e simpatia, e é sempre com muito prazer que nos perdemos em devaneios e charlas.

Vivemos uma medicina dentária “exilada”, nas mãos e teias de “babilónios e babilónicos”, sequestrada que está num mundo em que imperam o dinheiro “salve-se quem puder”...

Por mais que queiramos “Sião”, só atingiremos a “Nova Jerusalém” com um “apocalipse”...que tarda em chegar...

E o facto de haver muitos “samaritanos” dificulta-nos...

“MAIS JUDÁ E MENOS SAMARIA”...para bem da nossa querida profissão...

E também porque, como dizemos no final, não há zonas cinzentas: ou estamos do lado da “Babilónia” ou da “Nova Jerusalém”...ACREDITEMOS...e lutemos neste “exílio” que nos atormenta.

- Em que anda a trabalhar?

Estou a fazer um livro, um pequeno livro sobre o Salmo 137, que é um dos mais interessantes e significativos. O próprio Camões escreveu um famoso texto poético, conhecido como “redondilhas”, com 365 versos, tantos quantos os dias do ano.

- E o que diz esse salmo?

Inicia com estas palavras: Sobre os rios de Babilónia nos sentámos a chorar com saudades de Sião. É este o 1.º de 9 versículos; uma espécie de título. Assim, Babilónia tornou-se um dos termos mais importantes do salmo. Foi para lá que os habitantes de Judá foram levados como exilados. Trata-se, pois, de um salmo da literatura de exílio.

- E que diferença existe entre “Judá” e “Israel”?

Há uma grande diferença, pois Judá era apenas uma parte do antigo Israel. O antigo Israel compreendia os reinos do Norte e o do Sul, e este último era constituído apenas por Judá e outra tribo, a de Simeão, que tinha sido praticamente absorvida por Judá. Portanto, não foi “Israel” que foi levado para o exílio da Babilónia, mas apenas uma parte, o povo que vivia na Judeia, cuja capital era Jerusalém, com o seu templo, construído por Salomão. Um outro termo próprio deste povo, o primeiro nome que recebeu, foi o de hebreu. Assim, eram chamados hebreus quando estavam no Egipto donde fugiram sob a orientação de Moisés.

- Que foi feito do reino do Norte?

O reino do Norte já tinha sido conquistado pelos assírios

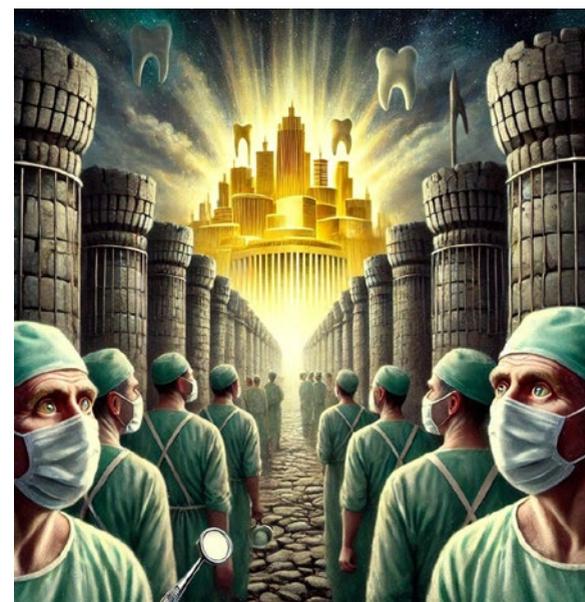
em 722 e tinha como capital a cidade da Samaria. Ficou a ser uma simples província do império assírio. Mas a conquista de Judá, depois, em 587, antes de Cristo, naturalmente, foi feita pelos babilónios que, entretanto, também tinham conquistado o império assírio. Ficaram, assim, na posse do Norte e do Sul.

- E que religião tinham os do Norte?

As tribos do Norte, também chamado “Reino de Israel”, nunca tiveram uma religião tão pura, segundo a ortodoxia bíblica, como os do Sul/Judá, porque viviam muito perto de outros povos pagãos com que se misturavam, tendo, por vezes, aceitado rituais pagãos. Mas o povo de Judá tinha em Jerusalém o templo oficial de todo o Israel, ao contrário dos do Norte.

Um outro fator importante sobre a religião das tribos do Norte foi o facto de os assírios terem trazido outros povos pagãos para esse território, produzindo, assim, uma mistura de povos e de religiões, a fim de não se levantarem contra o inimigo invasor. Era uma estratégia militar já então praticada. O Novo Testamento apresenta vários testemunhos da divisão entre os judeus e os assim chamados samaritanos, do território cuja capital era Samaria.

Portanto, para a Babilónia foram levados apenas os habitantes de Judá porque os do Norte já tinham sido dominados pelos assírios. Por isso, Babilónia e Jerusalém/Sião são os



Médicos dentistas à espera da sua “nova Jerusalém”, criada por IA.

termos fundamentais do Salmo 137, sendo o objeto da saudade dos judeus exilados na Babilónia.

- Ainda hoje se fala muito deste salmo?

Desde Camões, e muito antes dele, se têm feito comentários, leituras e releituras deste salmo que aparece nestas obras com o n.º 136 ou 137. De facto, no texto hebraico (original), tem o número 137; mas, quando os judeus fizeram a tradução do Antigo Testamento para a língua grega (Bíblia dos Setenta), modificaram a numeração dos salmos, tocando a este o n.º 136. Por isso, este aparece, segundo os autores, com um número ou outro.

Há muitos comentários a este salmo, desde Sto. Agostinho, que fazem de Jerusalém a cidade do Bem, a cidade da presença de Deus, enquanto Babilónia representa a cidade do Mal. Nisto seguimos a filosofia platónica, segundo a qual o Bem existe apenas no mundo celeste, e o Mal é próprio das coisas e pessoas terrestres. Isto aplica-se a instituições ou indivíduos porque a vida humana, singular ou coletiva, foi lida à luz da doutrina que está plasmada neste salmo (oposição Babilónia vs. Jerusalém). E é verdade porque muitas vezes a sociedade ou os indivíduos são as duas coisas; o bem e o mal existem nas pessoas e nas instituições. É assim também que faz Camões nas redondilhas “Sóbolos rios da Babilónia” e em certos sonetos. Assim, procederam muitos outros escritores cristãos e mesmo os não cristãos, como se verá quando sair o meu livro.

- E se aplicasse tudo isto ao nosso tempo?

Eu diria que nos encontramos mais na Babilónia do que em Jerusalém, cidade de Deus. No Salmo 137, a Babilónia é a cidade do paganismo, da violência, da maldade, da injustiça, de todos estes males que fazem sofrer, “chorar” os outros, os pequenos. Creio que hoje, apesar de tantas coisas boas e belas, estamos a fugir para a “Babilónia”, e não tanto para “Jerusalém”.

- É, então, o princípio do fim?

Não diria tanto. Não sou apocalítico!

- Então não é esse o sentido do Apocalipse?

O Apocalipse trata da luta do Bem contra o Mal, do Cordeiro sentado no trono, isto é, de Jesus ressuscitado a dominar o mal. O Cordeiro é o principal personagem do Apocalipse, que luta contra a Besta feroz, símbolo do Mal, e vence-a. Essa luta aparece sobretudo já no fim do livro, precisamente com os nomes destas duas cidades: a Babilónia é destruída (cap. 17-19) pelo Cordeiro e aparece, então, descida do Céu a Nova Jerusalém (Igreja) como “Esposa do Cordeiro”.

Isto significa a “Nova Aliança” que o Cordeiro imolado na cruz, mas vencedor pela ressurreição, veio fundar; ou seja, a Igreja deve ser o modelo mais perfeito de um mundo novo que Cristo veio apresentar no seu Evangelho, que não é uma “historiazinha”, mas um programa para a fundação de um

mundo novo, fraterno; numa palavra, a Nova Jerusalém, em cuja construção cada um de nós é chamado a colocar “a sua pedra” sobre a pedra fundamental que é Cristo.

Portanto, o Apocalipse é a proposta de um mundo completamente novo à volta de Cristo, Cordeiro de Deus, que deu a vida como exemplo para cada um de nós. O dar a vida pelos outros, como Ele fez, é um resumo do seu programa (o Evangelho) para uma Nova Jerusalém, um mundo feliz.

Se não seguimos esse “programa” continuamos a viver nas “babilónias” das violências de todo o género, do choro e das lágrimas de tantos inocentes infelizes, que vivem e se movem sob as bombas e o poder desta grande “Babilónia” do séc. XXI. Vivemos numa época de extrema violência, apesar de tantos “progressos”: violência familiar, social, internacional, com várias guerras. Será isto um verdadeiro progresso? O verdadeiro progresso humano está precisamente no programa que Jesus nos veio trazer para uma sociedade feliz, onde cada um, em vez de destruir o outro, procura dar-lhe a mão e mesmo perdoar ao inimigo (Mateus 5,43-48).

Para quando as saudades de Jerusalém e a destruição da Babilónia, das “babilónias”?

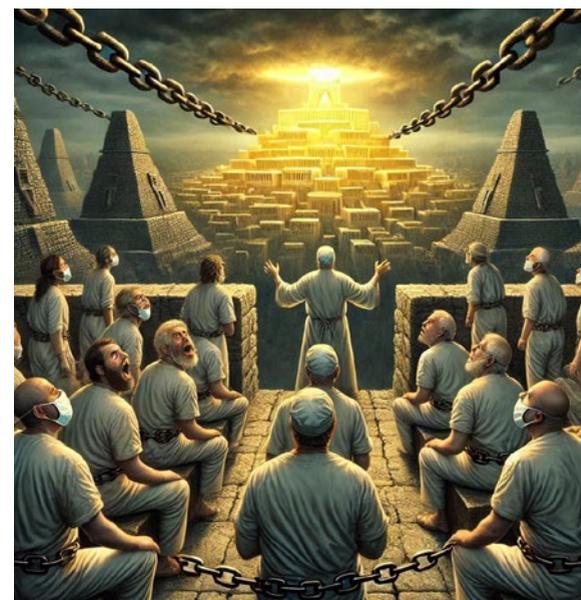
- Mais um assunto: será verdade que os judeus vieram da ilha de Creta?

Como já afirmei, o primeiro nome que recebeu esse povo foi o de “povo hebreu”, cuja origem não é bem conhecida; era, possivelmente, um grupo anónimo, que trabalhava por conta de outros povos, nas guerras e noutras ocupações, mas não tinha ainda uma identidade bem definida; depois de se estabelecerem na terra dos cananeus (Canaã), passaram a chamar-se “israelitas”, do patriarca “Jacob/Israel”, pai dos 12 filhos ou tribos; os que viviam na Judeia, território do Sul, cujo nome vem de “Judá”, um dos filhos de Jacob, chamaram-se “judeus”. É o nome que recebem ainda hoje porque o reino do Sul manteve sempre a sua identidade devido ao templo e o seu culto em honra do Deus único, verdadeiro, desde David e Salomão.

Quanto à vinda dos judeus da ilha de Creta, desconheço essa teoria. Os que vieram, possivelmente, de Creta foram os inimigos dos israelitas, contra os quais teve de combater David, os filisteus. Entraram no Egito, mas foram perseguidos pelo faraó, tendo-se instalado, desde o início, no território – hoje bem conhecido – correspondente à Faixa de Gaza. Depois conquistaram outras terras para norte.

- Jesus era do Norte ou do Sul?

Jesus nasceu no Sul, em Belém, perto de Jerusalém, pois era descendente de David, que era de uma família de Belém. Mas Jesus viveu e evangelizou sobretudo a Galileia, portanto, no território do Norte, um povo mais aberto à nova mensagem do Profeta; os do Sul estavam mais agarrados às tradições do Antigo Testamento, guiados pelos sacerdotes



Médicos dentistas à espera da sua "nova Jerusalém", criada por IA.

do Templo e pelos doutores da Lei, do grupo tradicionalista dos fariseus, que estavam fechados à novidade que Jesus anunciava. Por isso, pediram a Pilatos para o matar. A sua palavra e a sua morte na cruz deu origem ao Novo Testamento, a segunda parte da Bíblia, e ao “Novo Israel”, a Igreja, novo Povo de Deus.

Concluindo: o Salmo 137, que ao longo de 2700 anos foi aplicado à vida de povos, de instituições e de pessoas individuais, como foi o caso de Camões e de tantos outros escritores, cristãos ou não, poderá também aplicar-se à instituição dos médicos dentistas.

Não será difícil fazer tal aplicação se tivermos em conta o sentido que a cidade de Jerusalém tem neste salmo: é estar do lado de Deus e daqueles que Ele mais ama e protege: os pobres, os abandonados, os perseguidos, os marginalizados... de quem tanto fala o papa Francisco. Numa palavra, os mais frágeis e desprotegidos das nossas sociedades, ditas “modernas” e “progressistas”, mas que também criam muitas violências, guerras e outras desgraças que são próprias da Babilónia devastadora do referido salmo. Não estar do lado de Jerusalém será estar do lado dessa Babilónia. No Antigo Testamento, não há uma zona intermédia, cinzenta: tudo é branco ou preto. ■

¹Herculano Alves é Franciscano Capuchinho português. Estudou Teologia no Instituto Católico de Toulouse (França), Filologia Românica na Universidade de Coimbra, Ciências Bíblicas no Instituto Bíblico de Roma e fez o doutoramento em Teologia Bíblica na Universidade Pontifícia de Salamanca, onde foi bolseiro. De 1986 a 2011, foi professor de Sagrada Escritura na Universidade Católica Portuguesa. Coordenador geral e tradutor de vários livros da Bíblia dos Capuchinhos (Difusora Bíblica). É autor de algumas dezenas de artigos científicos publicados em várias revistas e obras coletivas e de mais de vinte livros sobre temas de Sagrada Escritura. Foi diretor do Movimento de Dinamização Bíblica dos Capuchinhos em Portugal, durante vinte anos, e diretor da Revista Bíblica. Investigador do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e do CEHR – Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa.